

MENINAS TÊM MAIS VAGAS NA ESCOLA

Edson Gês 28.9.98

Um dos mais graves problemas educacionais do mundo está resolvido no Brasil. A exclusão das meninas do sistema educacional é uma realidade que não existe no país. Ao contrário do resto das nações em desenvolvimento, as meninas brasileiras não só estão na escola, como ocupam mais espaço que os meninos e estudam por mais tempo.

Até a 5ª série, as meninas são minoria. Há mais meninos no início do período escolar. Na 1ª série, 54% dos matriculados são homens e 46% mulheres. A igualdade começa a aparecer na 6ª série. No 2º grau, as meninas já são maioria: 56% contra 44%. No ensino superior, a mesma coisa. Os dados aparecem no último Censo Escolar, finalizado este ano.

O Brasil, Argentina e Chile são raras exceções nesse aspecto. Os números do relatório do Unicef mostram que em quase todos os países em desenvolvimento com números baixos de matrícula os meninos são maioria. Os países industrializados e a América Latina e Caribe são as únicas áreas em que a diferença de números de meninas e meninos não é significativa.

Na Ásia Meridional — onde ficam Afeganistão, Bangladesh, Índia, Nepal — chega a haver 12 meninos para cada menina na escola. No Oriente Médio e no Norte da África, os números são semelhantes: 11 para um. De cerca de 130



A EXCEÇÃO

Nos países em desenvolvimento com números baixos de matrícula os meninos são maioria. No Brasil, há mais garotas no 2º grau: 56% contra 44%

milhões de crianças que não frequentam escolas no mundo, 73 milhões são mulheres.

PRECONCEITO

“A discriminação contras as meninas constitui o maior obstáculo ao cumprimento da meta de Educação para Todos”, constata o relatório do Unicef sobre a Situação Mundial da Infância.

A principal razão para a diferen-

ça é o preconceito. Na maior parte dos países em que a matrícula de meninos supera em muito a de meninas, o obstáculo é cultural. Mulheres não podem conviver na mesma sala com homens; precisam ficar em casa ajudando as mães com as tarefas domésticas; não devem aprender a ler.

Mas os motivos pelos quais esses resultados são preocupantes não são apenas o preconceito. Há

razões ainda mais concretas.

Estudos usados pelo Unicef mostram que entre, outras coisas, quanto melhor o nível de educação das mães, menor será a mortalidade infantil. Os bebês também tendem a ser melhor nutridos e adoecer menos. Quando crescem, a tendência é que estudem e se alfabetizem.

Mães com escolaridade mais alta também influenciam nas taxas de natalidade dos países. Quanto mais anos de estudo, mais tarde elas tendem a se casar e menos filhos têm.

No Brasil, as mulheres passam, em média, seis anos no colégio. Os homens estão perdendo. Estudam cerca de cinco anos e meio. Nem sempre foi assim. No início da década de 60, a escolaridade era muito menor. Cada homem estudava cerca de 2,4 anos. As mulheres, 1,9 ano.

Mesmo estando em uma situação privilegiada em relação a outros países em desenvolvimento, as meninas brasileiras ainda inspiram cuidados para o Unicef. São consideradas um dos desafios para o próximo século. “Existem grupos específicos, como por exemplos as meninas exploradas sexualmente e no trabalho doméstico, ou trabalhando como empregadas domésticas, que necessitam de atendimento especial”, afirma Agop Kayayan, representante do Unicef no Brasil. (LP)